

O selo

kizumba

apresenta

O caderno surrealista de Ibán

Escrito por

Lucas Rolim

Teresina
fevereiro a abril de 2018.

"A imagem é uma criação pura do espírito."
Pierre Reverdy

Este livro nasceu sob as mãos e o sopro de Thelonious Monk, Sun Ra e Yusef Lateef.

1

É no baixo curso dos ventos
a primeira morte, quando os
afogados crescem suas asas
mas não despertam, tendo saído
a gravar limões com a inscrição
de um nome. E lemos: IBÁN —
enquanto os membros caem
com a força das águas, enquanto
os celeiros se enchem de música.

Perguntaremos se somos de fato
este intervalo corrompido
e descobriremos o avesso do corpo,
onde é possível existir através
de outras mãos que não estas, sangrando
sobre os líquidos do armazém.

Afinal, que diriam os espíritos
criadores? Mete-se a carne na
raiz dos nomes? São eles
próprios esta trilha magnética?
Que paisagens ardem no espelho
quando agito seus conteúdos?
Que mortes anunciam logo
nas primeiras sílabas?

2

As dormideiras
cobriam-se nos sons vegetais,
reunidas no interior do musgo,
postas no árduo dever de urdir a colina,

seus braços pronunciados nas substâncias da terra
onde os ruídos e os favos copulavam
ao modo de uma linguagem elementar.

Era aquele teorema tudo que no coração
enterrava-se vivo — a palavra, ainda acesa,
estalava nos dentes.

O dia parecia não poder levantar-se
dos buracos nas árvores mais que poucos metros
— sua luz arrefecida, contendo-se nos nós —,
como se uma pequena divindade, do exato volume
dos pólenes, nascesse ou morresse àquela hora,
como se o fantasma ferido fosse
a dança contínua à outra margem do rio.

Talvez oculta entre as dormideiras e os favos,
a flauta envolvesse nas ervas o seu pulmão;
talvez se fizesse encher o ar de brancas mariposas;
talvez dormisse o mais triste homem
o mais tenro sono.

3

Sabia-se do coração
posto na pedra posta no rio,
e das mulheres deitadas
nos panos de sangue — da pluma negra
que esperavam
para se tornarem extremas.

A noite abria-se em várias idades
e ajuntava os símbolos no centro.
Enquanto fora chovia, os incêndios
dialogavam numa força do pátio.

O nome da estrela ardia sobre a casa.
A água mandava os vapores
a um espaço da noite. As mãos alcançavam
o nome. Chamava-se Eleanor.

Quatro semanas vibrou o terreiro até
que a hora silenciosa se instalasse.
Pôs sobre o chão os besouros e a água dividida,
os seixos,
e repartiu-se entre os buracos,
puramente invariável — como o fazem
as coisas em silêncio.

Seria necessária uma vida inteira
para medir os pormenores daquela raiz.
Que teorias lancinavam em seus olhos!

Sabia-se que ao sexto pardal fechava-se o dia
e pousava aos colos um lamento.
Era-se, então, visitado, dia após dia,
ao fechamento do dia,
e as folhas petrificavam-se.

Aquilo era como a luz de um símbolo
atravessando uma casa. Um sinônimo da vida
— interminavelmente este pomar,
sem as luzes no alto.

4

Quantas cidades dormem
sobre este peito convertido em pássaro?
Basta a primeira metade
de um instante cego, relampeando,
e já as senhoras se põem a barganhar maçãs
com os meninos afogados do pântano
de Nossa Senhora da Conceição.

Quantas cidades, digo, quantas cidades
dentro das cidades
dentro deste sonho aproximado,
por onde caminha-se, tomado pelas serpentinas,
tendo-se comido uma parte do céu
desprendida do céu?

Uma vez mais as luminárias descem ao inferno.

Com um punhado de lábios,
costura-se todo o corpo, subverte-se-o
com sua própria verdade.

Escutas o chão?
Estes mortos que não calam
cultivaram em seu tempo
grandes hortas taciturnas.
Mas como falam, agora! Como esbracejam!
Suas cabeças inclinadas sobre os peixes;
suas substâncias erguidas, transformando-se;
a extensão e o branco de seus espaços
diz que é preciso anunciá-los
como uma luz fragmentada ou um nome
enterrado, líquido, como o caminho
aos mares suspensos.

Estão cingidos pelo único membro das águas,
para além do arco de qualquer seta,
para além do raio de qualquer olhar.

Flutuam. Inaniquiláveis.

Sobe a noite entreposta aos vaga-lumes,
entregue aos abismos. Quarto de joia
queimando sobre o mármore exaltado,
quando o mergulhador encontra a mão sobre
o sangue, boiando em penas leves, e o homem
entra na cabeça, subterrâneo, como se
partisse o fio da madrugada.

A cabeça prolonga-se até as luzes.
O homem toca o centro da boca.
No centro está o silêncio, o branco das substâncias.
No centro está o homem, colidindo com o centro
e tocando-me nas imagens, por onde escorremos
até a púrpura isolada na ilha da Madeira.

Ardiam-lhe a pedra e a pedra sobre a idade.
Os rochedos menores, amava-os com a erva acurada.

Sobre a cabeça
estava a cabeça — e a gangorra, tornada
amarela, onde de um certo ponto assistíamos
aos seres do ar baloiçando.
Aproximavam-se e tornavam-se pequenos,
ora mais perto, ora invisíveis — apenas supostos.
Havia uma hora em que era possível tocá-los,
estar ao mesmo nível, tombar em seu ritmo
de tombo, supostos e exatamente aéreos,
pronunciados nos tufões.

Estávamos para além do ar de uma noite ordinária,
suspensos e entregues na raiz do Funchal,
dinamitados até o espírito.

Não saberia dizer com que palavra dava
de comer às lâmpadas ou que aroma dizia
para chamar os besouros.

Sei que os relógios não nos encontravam.
Passava ali o anjo respiratório e não reconhecia
nossos nomes engolfados sob a árvore.
Eu observava o olho cravado na face do homem,
enquanto as lacraias dormiam em seu interior
vulcânico. Pudesse, eu adivinharia quantos dedos
tinha dançando em suas têmperas.

As paredes mugiam ao longe.
Sabíamos dos muros e de sua demora.
O instante tornava-se eterno
— imensamente, salvava-me.

• Fácil seria planar sobre as várias cordas da cidade, a suspender seus astros nos extremos da luz, atravessadas desde a cabeça aos pontos onde primeiro se faz urdir a noite • as sagrações da hortalíça de inverno • ou a oferta de um frio misericordioso • este frio entristecido nos estômagos, fazendo-os transparente • Fácil seria alçar um verbo livre, agudo o suficiente, capaz de anular a dureza destes muros enterrados • ou uma pausa, tão gravíssima e planetária, que arrebetasse o trigal dos cárceres, tendo dito-lhes com que assemelha-se o amor • Fácil seria, no ano mais incomum, trocar o hábito das roupas pelo arbítrio das plumas • um tanto de repouso sobre estas pedras arteriais • arquipélago último de vida, onde somos batizados pelo Sol com um nome silvestre • Fácil, muito fácil seria, por um instante mais, ter este arco aceso sobre a mágica dos filhos • deixá-los sobre o rio, com grandes favos de algodão ao centro • ensinar às raízes o motivo da água • assistir-lhes entrarem no rio • dividirem os gomos • apalmarem o algodão • tocá-las sob um espaço da água e ver da concha abrir-se o adulto, com sua vida mineral • Fácil, demasiadamente fácil, tendo-se posto o corpo e seus pastos suspensos à esquerda do sol •

7

Criança adormecida em meus cálculos,
fixarei teu nome numa concha isolada.
Ensinarei a ti o manual do fogo, das chuvas.
Ajuntarei os animais para que os toque.

Guardarei tua voz numa adaga de cristal.
Desmembrarei teus sons e converterei
o fruto em símbolo e palavra — em linfa.

Plantarei uma flor audaz sob teus lençóis.
Cultivarei tuas mãos num jardim suspenso.
Direi às criaturas ELA DORME, porque dormes.
Cobrirei de luz as manhãs, para que nasças.

Criança minha, feita de semente e sonho,
porei o saber das árvores em teu coração.

8

À sombra do jardim a estátua se levanta.
O escuro de uma semana pousa sobre as abelhas.
Tudo no pátio é mais líquido porque sagrado.

Passa o Mirábolo com seus animais luminosos,
Passa com a leveza dos astros,
movendo a sombra na pedra da sombra,
ardendo como arde uma consciência.

As coisas fundem-se na atenção branca de um
corpo vazio, enquanto os espelhos rotacionam
seus reflexos projetados sobre as coisas sobre o
corpo sobre a mesa sobre o vazio.

Ó nuvens como móveis no céu desvairado!
O que impedirá a nuvem de ser nuvem?

Sei que a água parte em curtos trechos de voz.
Sei que se conjuga com as vespas, com a noite.
Conjuga-se com a morte. Sei que há uma ilha
suspensa sobre a água, posta acima do mapa.
Sei que espera ser encontrada
— pelos ventos, pelos deuses, pelas mulheres.

A claridade dos peixes cintila no barco.
Dançam os sapatos mas o corpo já não há.

Minha sorte atirada a teus amores lancinantes,
meu pensamento jogado entre os meridianos
do teu sexo.

Tudo é mais sagrado neste momento.

*"E os grãos de areia do deserto
Giram desnorteados."*

Rumi

Vêm os peregrinos
descendo o deserto,
como há mil anos
os peregrinos desciam o deserto.

E o deserto é esta mão
aberta, coberta de grãos.
E não é a mão de deus,
talhada nos oceanos.

À noite, as tendas cintilam
contra os metais no ar.
Nos relógios, é a claridade
tudo quanto se move.

Que dizem estas formas,
pronunciadas na areia?

Os meninos têm o cheiro
das laranjas porque saem
a noite para roubar laranjas.
E não as encontrando,
tornam-se enxame e furor.
Tornam-se punhais.

Por isso deitam fogo
à tenda e sequestram a
noite. Porque têm fome.

As águas repousam
no fundo da duna.
Do tapete saltam os
dromedários.
Mercadores sonham.
Escorpiões dançam.

O dia é consumido
num vagão de ópio,
a caminho das estrelas.

10

Tenho-te aqui como um brinco alucinante
ou um guarda-roupa muito antigo.
Tapeçaria virgem repousando no ar.
Futuro degrau dos amantes — sanguíneo.

Sou tua barba exausta
— esticada até o céu pelos ofícios da adaga,
atingida na idade com a temperatura,
a palavra e a substância da criança atmosférica.

Última esperança posta à prova dos animais:
este novelo atravessado desde a antiguidade,
esta mão convertida em agulha, indicando o sul
nos mapas giratórios.

O século nos parte ao meio. Silencioso.

Por que não haverias de jantar comigo aquela
noite, quando já não tínhamos um único plano
de escape, quando a última salvação
eram as pontes de sargaço?

Recolher o espólio dos amores é preciso.
Afundar o restante — cavalos, rotas, ciclones,
cidades inteiras erguidas sobre a claridade
de um nome. Um estremeamento.

É hora. Os rouxinóis mudam de hemisfério.
Uma sombra cai nos quintais, liberada pelos
incensos. Tenho-te agora na vertigem do alpendre,
tornado paisagem interior da paisagem
— um espasmo contínuo, uma lembrança arenosa

e todo o fogo arderá em tua memória esta noite.

11

Há muitas
casas dentro da casa
e sempre o som
dos espaços sangrando
uma habitação
violenta,

onde há nos herbários
o esboço de duas
mulheres combinadas.

— Que mãos terríveis!
— Que imensos galhos!

As mulheres combinadas,
num clarão silencioso,
de súbito, arrebatadas.

E caem as casas
nos silêncios.

E mergulham os espaços
nos antiespaços.

E dançam, levitando,
as mulheres combinadas.

— Que mãos terríveis!
— Que imensos galhos!

Resta, abandonada,
a espuma de um nome,

contida eternamente
na luz de um grão:

“Eleanor, Eleanor” — chama
o nome descarnado...

— Que mãos terríveis!
— Que imensos galhos!

12

Sou este cometa vazado
sobre o globo — aceso —,
posto a gravar calendários
e gradualmente separado pelas horas giratórias;

ocultado para sempre dos mapas do céu
porque demasiado amante da terra,
e aprendi nas grutas a gramática do solo.

Luz parca como os lençóis brancos
— marcados — manchados de brancos horrores,
ou alargados nas catedrais,
onde morre-se ou morre-se.

Sou uma invenção do Mirábolo,
tatuado no delírio das begônias, junto
a este sangue, alastrando-se de casa em casa,
no escuro iminente das casas,
e procuro uma palavra tão antiga que me sirva
de presença.

Vês o meu rosto? Olha em volta:
nas pombas feridas, nas veias abertas,
nos garotos atirando pedras aquecidas aos sapos.

E se entre as nódoas nos ossos
surge uma claridade
e abro-me na presença de um deserto
interior, noturnamente azul;
se entre as nódoas surge uma claridade
por onde passa a voz de um relógio antigo,
então há os mares,
e navego para além de seus aquários,
para além de onde tocam as barbatanas
e para onde levo meus nomes,
atados às suas datas.

Por vezes, meu rosto se apaga das águas,
antigo e sem espessura.
Levanto-o como levanta-se um anzol.
Levanto-o como as ervas exatas no incensário.

Carbonizadas. Mortas. Vivificando.

material p/ os poemas:

vias abertas da mente;
horas de sono a fio;
jogos de claro/escuro;
e os álbuns:

“Straight, No Chaser”, “Thelonious Monk plays Duke Ellington”, “Underground” (Thelonious Monk);
“The Futuristic Sounds of Sun Ra”, “Cosmic Tones for Mental Therapy” (Sun Ra); “Psychicmotus”,
“Eastern Sounds” (Yusef Lateef).